



UM CORAÇÃO SAINDO PELA BOCA!

Roberta Luna da Costa Freire Russo

O presente ensaio é atravessado e iluminado pela obra de estreia de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*¹, publicada no final de 1943 [1944], quando ela tinha 24 anos de idade. Trata da estranheza do poeta enquanto brinca(dor) de palavras.

Perto do coração selvagem... Antes é preciso estarmos advertidos, pois qualquer coisa que diga um poeta, nos faz desconfiar que é outra coisa que ele está dizendo. O poeta é o neurótico freudiano. Mas o que é a neurose? É a palavra em suas reviravoltas, seus tropeços, em sua verdade mentirosa; é a resposta mais extraordinária à pergunta original que fazemos logo que nascemos: o que o outro quer de mim? Sem resposta, falamos, falamos, para tentarmos responder ao “quem sou?” “Mas isso já é demais”, diz Joana. “Falamos e mentimos, mentimos até cair na verdade”, continua ela (p.19).

O poeta é aquele que vê a verdade na mentira. Podemos dizer que o poeta descobriu o inconsciente de Freud antes dele. Lacan atesta essa afirmação: “é de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede” (Lacan, 1965, p. 200). Clarice revela o inconsciente como: “o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (Lacan, 1953, p. 260), quando Joana diz “Não sei. Só sei que esse ‘não sei’ não é uma ignorância particular, em relação ao caso, mas o fundo das coisas” (p. 145).

O inconsciente freudiano (é)feito de palavras — palavras proibidas, segredos, que, por sê-lo, não podem ser revelados. Segredos guardados por mecanismos de proteção e defesa, segredos que insistem em se revelar e que só o fazem por meio de formações criadas pelo próprio inconsciente, sem se dizer por inteiro. Formações advindas de uma instância estranha ao eu. Trata-se de uma verdade mentirosa. Aquilo que se apresenta é e não é. Mas as palavras causam embaraço, a ponto de se afirmar que não se queria ter dito aquela, mas outra; ou

¹ No decorrer desse ensaio serão colocadas citações do livro referendadas apenas com o número da página. As demais citações obedecerão às normas da ABNT.



seja, uma palavra tomou o lugar de outra à revelia de quem falava, desacatando a vontade dele.

É o além de mim, além do *eu sou*: “também me surpreende, os olhos abertos para o espelho pálido, de que haja tanta coisa em mim além do conhecido, tanta coisa sempre silenciosa” (p. 66). Joana ainda se pergunta, enigmática em relação a si mesma: “Mas, onde está o que quero dizer, onde está o que devo dizer?” (p.66).

Em seu texto *Delírios e sonhos na Gradiva*, Freud (1907, p.16), referindo-se aos escritores criativos, diz: “No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.”. Freud tinha interesse em compreender a “natureza da criação literária”. Diz ele, em 1908: “Nós, leigos, sempre fomos muito curiosos de saber de onde esta singular personalidade, o escritor, retira seu material (...) e como logramos tocar tão fortemente com ele, provocando em nós emoções de que talvez não nos julgássemos capazes. (Freud, 1908, p. 326).

Clarice, uma mulher, fala pela boca de Joana. Uma mulher que se duplica, mas que continua enrolada no lençol da falta. Uma mulher emancipada nos sonhos, nos seus embaraços e desembaraços, que eleva à categoria de enigma a questão freudiana: “o que quer uma mulher?” Joana afirma: “Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome” (p. 67). Na esteira do enigma do feminino, parafraseamos Lacan: Quem deseja em Joana? — “Ele me ouviria agora inquieto ou senão sorrindo. Otávio já estava pensando dentro dela? ela já se transformara numa mulher que ouve e espera o homem? Estava cedendo alguma coisa...” (p. 112).

Falar sobre coisas do coração é intrínseco aos poetas, gente letrada no arroteio dos significantes, gente que “nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta” (Freud, 1900, p. 289).

Mas do que falamos quando falamos de coração? O coração é o habitat do desejo, do amor, do ofertar o que não se tem, diz Lacan em sua obra. O coração é lugar de ida. Clarice nos revela que Joana “... não era obrigada a seguir o passado, e com uma palavra podia inventar um caminho de vida” (p.31), porque o tempo não volta, mas nos dá voltas, para seguirmos vivendo. Mesmo sabendo que o fim está lá na frente, em algum lugar, ultrapassamo-lo na teia simbólica das palavras que faz existir a eternidade, pois “isso não existia antes de se dizer” (p.38). É preciso compor



com palavras a existência e o além dela: “Eternidade não era só o tempo, mas algo como a certeza enraizadamente profunda de não poder contê-lo no corpo por causa da morte” (p. 41). A palavra, nos ensina a psicanálise, é a morte da coisa, “... e essa morte constitui no sujeito a eternização do seu desejo (Lacan, 1953, p. 320).

O desejo não tem rosto, é um não-sei-o-quê... ele desliza, escapa... está ali e, quando chegamos perto, não está mais... Está lá na frente ou atrás? Ele desliza, esbarra em objetos enganadores e enfeitados do querer. Aí mora a enganosa felicidade. Disso Joana sabia e revelava “... uma súbita felicidade, quase dolorosa, um quebranto no coração...” (Lispector, 2019, p.102). Este é o feitiço do poeta: estar perto do coração selvagem é transpor verdadeira(mente) o quebranto do coração.

Estamos diante da dor do desencontro entre o desejar e o querer. O amor é decantado, contado e encantado na boca do coração do poeta. O conflito das paixões e o enigma do amor — “o que me liga a ela?”, se pergunta Otávio (ibid., p. 86), desejo é diferente da vontade, do querer. Não tem objeto definido e escapa pelos dedos do querer. Pois bem, desse desencontro surge o enigma do sujeito: ele (ex)iste na fresta entre o querer e o desejar. Assim, nos diz Clarice: “E subitamente esse outro ser agigantou-se e tomou lugar do que sofria... Não não queria! E como para deter-se, cheia de fogo, esbofeteou o próprio rosto” (ibid., p. 50).

O desejo se faz causa, nos move e nos faz deslizar, nos caminhos variados e variantes, em busca de um objeto desconhecido, jamais alcançado, mas idealizado e fantasiado. A fantasia serve de promessa narcísica para o próprio sujeito. Em sua busca, o que ele encontra são objetos enganadores, que o entretêm. Mas logo, não satisfazendo o desejo, busca outros, deslizando de um a outro, numa caminhada ininterrupta de insatisfação. A insatisfação do desejo é sua lógica para continuar caminhando.

O querer quer ser feliz; o desejo...ah! o desejo... ele quer o desarranjo da felicidade, o entusiasmo da procura, a criação ali onde algo falta. Sabedora sem saber da triste felicidade, Joana ainda menina, fazendo-se poeta, interroga: “O que é que se consegue quando se fica feliz?”, “... depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois?”, “Ser feliz é para se conseguir o quê?” (ibid., p.27).

Afinal, o que é a felicidade? Um intervalo efêmero em que o desejo, ilusoriamente, se realiza? Depois disso vem o quê? Qual a graça na felicidade? Quem



ousa questioná-la? Estes estranhos sujeitos, os poetas, escancaram a (in)felicidade nas artimanhas do viver, ou, ainda... as artimanhas do viver que persegue a felicidade para não encontrá-la.

A triste felicidade desliza enigmática perto do coração selvagem. Ela se desloca na obra, deslizando poeticamente na incongruência dos oxímoros: "... às vezes, de grande felicidade, sentia a tristeza cobri-la como a sombra de um manto..." (ibid., p. 73). Clarice brinca com o além do prazer, o gozo, na felicidade encoberta pela tristeza, protegendo, assim, o sujeito pela recusa do gozo. Como nos ensina Lacan, "... o gozo está vedado a quem fala como tal, ou ainda, que ele só pode ser dito nas entrelinhas" (Lacan, 1960, p. 836).

Voltemos ao início... Perto... longe... de onde vem essa medida? Ela não é só geográfica ou orgânica... há outro medidor de distância. Um medidor que faz eternizar o tempo dos instantes. "Sua qualidade era exatamente não ter qualidade, não ser mensurável e divisível porque tudo o que se podia medir e dividir tinha um princípio e um fim. Eternidade não era a quantidade infinitamente grande que se desgastava..." (Lispector, 2019, p. 42).

Mas o medidor de distância também faz quem está perto, geograficamente, estar longe no coração. Como se pode dizer que alguém está longe no coração? A linguagem tem dessas coisas... Ela transforma coisas em outras coisas... coisas que não se pegam com a mão, mas com o estalar da língua, fazendo esse barulho dentro da boca. Ganha o mundo por meio do voo das palavras. Então... estar perto ou longe do coração depende do voo das palavras para alcançar quem se quer, pois, como afirma Lacan, "... o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro". (Lacan, 1953, p. 269)

Quando falamos, mudamos. Tornamo-nos mundanos, gente de riso e de prosa, gente que estranha a entranha das palavras, grávidas de significados, que, por outra estranheza, não estão a postos: os sentidos variam. O espantoso é dar-nos conta de que dizemos muito mais do que pretendemos e de que falar nos surpreende. O que leva cada um a interrogar: quem sou eu quando falo, quem fala em mim?



Em carta a Fliess (1986, p. 275), Freud diz que o poeta tem a “prerrogativa de dignificar”. Podemos dizer com Freud que o poeta dignifica o mal-estar na condição de um excepcional leitor deste. O mal-estar é algo estrutural em qualquer sujeito vivo. São as vacilações, os descompassos, as limitações, as dificuldades, a tristeza, a saudade. Aliás, os poetas sempre trataram disso. Foi esse seu modo de lidar com o sofrimento, ou seja, falando e escrevendo sobre ele. Colocam palavras sobre coisas, afetos, desejos, de forma a (des)formá-los à revelia da lógica da existência vulgar, fútil, fria e rotineira. Tem-se à mão o passado e o futuro sustentando, contornando o presente, sem sê-lo: “... tenho agora a minha infância mais do que quando ela decorria...” (Lispector, 2019, p. 46). O tempo é adivinhado, advindo nas brechas da existência, ligando passado e futuro na inefável presença do vigente entoando um certo barulho no coração, “... e também se podia esperar o instante que vinha... que vinha... e de súbito se precipitava em presente e de repente se dissolvia... e outro que vinha... que vinha...” (ibid., p. 46).

Mas o mal-estar é o afeto desgarrado das palavras, é o desengano, o desamparo, efeito do descaminho do desejo que pode levar o sujeito à aniquilação: “Havia o perigo de se estabelecer no sofrimento e organizar-se dentro dele, o que seria um vício também e um calmante” (ibid., p. 80).

Em vários momentos da vida há situações que nos desorganizam. À surpresa, ao susto buscamos simbolizar, recobrir com palavras que, às vezes, só nos chegam depois de um certo tempo. Porém, na fala da poeta Clarice, o desamparo ascende à condição dignificante da existência: “... apoiei-me demais no jogo que distrai e consola e quando dele me afasto, encontro-me bruscamente sem amparo” (ibid., p. 67).

O poeta, como leitor do mal-estar, um brinca(dor) de palavras, um criador de sentidos, arrematado pelo imperativo de que “é preciso não ter medo de criar” (ibid., p. 17), diante do desamparo e da solidão, nos adverte: “... ninguém pode fazer alguma coisa pelos outros, ajuda-se” (ibid., p. 15).

O poeta convoca o sujeito. Ele o eleva à sofisticação da responsabilidade do não-ser ali onde se é. É o apreço pela verdade mentirosa. Não se trata de compreendê-lo. A compreensão é um horror... ela limita, ergue paredes e rotula o falante numa pobre palavra desgarrada de história. Uma palavra enganadora. “Sim,



que estava compreendendo as palavras, tudo o que elas continham. Mas apesar de tudo a sensação de que elas possuíam uma porta falsa, disfarçada, por onde se ia encontrar seu verdadeiro sentido” (ibid., p. 53), o sentido do sujeito. Diz Clarice: “Aprenda a encontrar tudo o que existe dentro de você” (ibid., p. 51). Mas o sujeito escapa à ordem: ele é o particular, não se universaliza; ele o é sem saber-se. Escreve Joana: “A personalidade que ignora a si mesma realiza-se mais completamente”. Clarice pergunta: “Verdade ou mentira?” (ibid., p. 75). Clarice nos encanta com o não-saber: “Ela não. Alguma coisa mais do que ela, de que já não tinha consciência, rezara” (ibid., p. 79).

Voltando ao mal-estar, este é uma marca do sujeito, este “sofre por só ser sujeito na medida em que fala” (Lacan, 1958, p. 640). Esse sujeito falante-sofredor atravessa a vida cotidiana instaurando-se no percurso da existência, a qual, por vezes, se fia mais no indivíduo do que no sujeito, por ser interpelado no nível do indivíduo. Contudo a poesia nos salva em seu movimento contrário: “... todo o mundo que ele tem construído encontra sua justificativa na beleza da criação e não na sua utilidade, não em ser o resultado de um plano de fins adequados às necessidades” (Lispector, 2019, p. 116). Em seu poetizar, Clarice antecipa o mal-estar de agora: “Por isso é que vemos multiplicarem-se os remédios destinados a unir o homem às ideias e instituições existentes” (ibid., p. 116). Em outra parte da obra, ela diz: “A tragédia moderna é a procura vã de adaptação do homem ao estado de coisas que ele criou” (ibid., p. 117). Porém diz Lacan: “Em parte alguma, com efeito, a intenção do indivíduo é mais manifestamente superada pelo achado do sujeito” (Lacan, 1953, p. 272). Assim, nos encanta Joana ao dizer que “Não há outra maneira de ser senão a que é...” (Lispector, 2019, p. 116).

Isso é a tinta de cada um, seu colorido; ou seja, o sujeito afetado por seus estranhos desejos, suas impossibilidades de satisfação e um trabalho de elaboração – atitudes, pensamento, movimento, idealização, devaneios. Não há sujeito sem sofrer e sem gozar. Clarice revela, mais que esconde, os segredos da verdade mentirosa: “Quem se recusa o prazer, quem se faz de monge, em qualquer sentido, é porque tem uma capacidade enorme para o prazer, uma capacidade perigosa – daí um temor maior ainda. Só quem guarda as armas a chave é quem receia atirar sobre todos” (ibid., p. 50).



Eis o poeta, aquele que dignifica a dor, exalando seu enigma encantado pelas vielas dos equívocos, no fluxo poético do dizer. “Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser ‘estruturado *como uma* linguagem’, isto é, como a língua que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue”. (Lacan, 1956, p. 492)

Freud curvou-se aos poetas ao discorrer sobre a psicanálise: “... a psicanálise entrou em contato com a substância mental da vida humana... Defrontou-se com emoções e com paixões, sobretudo aquelas que os poetas nunca se cansam de louvar e celebrar – as emoções do amor...”. (Freud, 1919, p. 279)

Assim, Clarice, em seu estado de poesia, com seu dizer, eleva a angústia, a triste felicidade e o desalento à dignidade de se ter o coração saindo pela boca!

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IV.

____ (1907). O delírio e os sonhos na Gradiva. In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 8.

____ (1908). O escritor e a fantasia. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. IX.

____ (1919). Prefácio a ritual: estudos psicanalíticos de Reik. In: Op. cit. XVII.

LISPECTOR, C. (2019). *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco.

LACAN, J. (1965). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 200.

____ (1964). **O seminário**. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

____ (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

____ (1956). Situação da psicanálise. In: Op. cit.

____ (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: Op. cit.



____ (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano.
In: Op. cit.

MASSON, J.M. (1986). **A correspondência completa de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago.